

O conteúdo da globalização para os latino-americanos: uma análise a partir da Pesquisa Mundial de Valores - WVS

The content of gobalization for Latin Americans: an analysis from the world values surveyworld survey

Henrique Carlos de Oliveira de Castro, Sonia Ranincheski y Daniel Capistrano

Henrique Carlos de Oliveira de Castro es investigador en el Consejo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq II) y profesor del Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos e do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: hcocastro@gmail.com

Daniel Capistrano es investigador en el Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), Brasil.

E-mail: danielcapistrano@gmail.com

Sonia Ranincheski es profesora del Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos e do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: ranincheski.s@gmail.com

resumo

O presente artigo compara as visões e valores políticos dos latino-americanos sobre temas que podem ser considerados como temas da globalização e os analisa considerando que a globalização engendra processos em movimento e tensões entre culturas diferentes que se relacionam direta ou indiretamente. Trabalha com a hipótese de que as populações latino-americanas inseridas como parte de um mundo global, apresentam diversidade de sentimento de comunidade local e nacional indicando a pertinência para se discutir em quais condições podemos pensar em probabilidades de predomínio de valores mundiais. Para esta discussão teórico empírica utilizamos dados da Pesquisa Mundial de Valores, conhecida como WVS, que vem realizando pesquisas em países na América Latina nas últimas décadas, proporcionando aos pesquisadores possibilidade de comparação longitudinal. Para tanto, o artigo apresenta uma discussão sobre os conceitos de globalização e o seu contraponto denominado de glocalização.

palavras chave

globalização / glocalização / Pesquisa Mundial de Valores / América latina

summary

The main goal of this paper is to compare political values and points of view of the Latin Americans citizens on issues related to globalization. The paper assumes that the sense of local and national feelings of the Latin American societies are quite different; it is relevant therefore to understand in what conditions it is possible to talk about the predominance of global values. In order to do that, we have conducted a longitudinal study using empirical data from the World Values Survey in several Latin American countries. The theoretical discussion used the concepts of globalization and “glocalization”.

keywords

Globalization / glocalization / World Values Survey / Latin America

Introdução

A globalização é a chave para entender a atual estrutura da sociedade mundial ou é a estrutura da sociedade que explica a globalização? As mudanças globais afetam os valores e crenças regionais ou as reações destes valores e crenças regionais se mantêm acesas, mostrando as contradições do sistema capitalista que não completou a sua hegemonia mundial? Os valores e crenças nacionais estão sendo afetados pela globalização ou esta é afetada por aqueles?

Esta relação entre globalização e valores e crenças políticas regionais é o tema deste artigo. Procuramos discutir a globalização como um processo múltiplo e sobre o qual há um grande debate e uma imensa literatura. A diversidade dessa literatura, porém, tem se concentrado às questões econômicas muito embora os aspectos da política e da cultura são recorrentemente debatidos por autores que têm refletido sobre o processo de globalização e as decorrências na sociedade do século XXI (Sen, 2004, 2005, 2008; Bauman, 1998, 2000; Beck, 1998 a; 1998 b; Giddens, 2000; Castells, 1997; Robertson, 1992; Sassen, 2007; Inglehart, 2009).

Se o processo de globalização econômica e financeiro tem sido levantado como um dos fenômenos consideráveis no atual sistema capitalista, com regras cada vez mais uniformes mundialmente, talvez seja cedo para afirmar que este processo ocasionará o surgimento de uma mesma cultura mundial. Autores defendem a existência de padrões culturais da modernidade e da pós – modernidade considerando as condições sociais de vida das populações, isto é, crenças e atitudes diferentes entre as populações de níveis diferentes de pobreza e riqueza como apresentaremos adiante (Inglehart, 2009). Outros autores afirmam a importância dos valores nas relações internacionais, nas negociações comerciais internacionais, indicando que a cultura é um dos fatores importantes nas negociações de cross-country, por exemplo (Salacuse, 2005). Ou ainda, há os que defendem a possibilidade de dimensões culturais de análise para o Ocidente e o Oriente. Recentemente em um artigo polêmico, Michael Minkov e Geert Hofstede (2011) escreveram que, replicando dimensões de valores chineses em variáveis presentes na pesquisa mundial de valores, tendo como base pesquisas com valores chineses, seria possível afirmar que instrumentos de pesquisa chineses e ocidentais podem produzir dimensões semelhantes de cultura.

O presente artigo compara as visões e valores políticos dos latino-americanos, considerando que a globalização engendra processos em movimento e tensões entre culturas diferentes que se relacionam direta ou indiretamente. Trabalhamos com a hipótese de que as populações latino-americanas inseridas como parte de um mundo global, apresentam diversidade de sentimento de comunidade local e nacional indicando a pertinência para se discutir em quais condições podemos pensar em probabilidades de predomínio de valores mundiais. Para esta discussão teórico empírica utilizamos dados da Pesquisa Mundial de Valores, conhecida como WVS, que vem realizando pesquisas em países na América latina nas últimas décadas, proporcionando aos pesquisadores possibilidade de comparação longitudinal.

Assim, primeiramente discutimos os conceitos de globalização e o seu contraponto denominado de glocalização, em seguida apresentamos a teoria da moder-

nidade que está subjacente às dimensões de análises presentes no instrumento de investigação da Pesquisa Mundial de Valores bem como apresentamos os aspectos metodológicos desta Pesquisa Mundial de Valores para analisar a possibilidade de se verificar empiricamente a relação dialética entre a globalização e o seu contrário – a cultura política local – usando o recurso heurístico da comparação.

1. A globalização e os valores culturais

A globalização pode ser entendida como um fenômeno qualitativamente novo que se tornou possível a partir da coincidência no tempo de três processos interdependentes com a sua lógica interna: a crise e a queda do socialismo real, o desenvolvimento vertiginoso das novas tecnologias de informação e comunicação (a chamada era da informação) e o neoliberalismo (Segrera, 2003). Embora tenham sido processos originados nas fronteiras nacionais, o mundo reagiu e reage de maneira diferente segundo as condições sócio estruturais e culturais. A relação é, portanto, de interdependência entre o que se processa nos níveis locais e a esfera global em termos da ação e do pensamento, aqui entendidos como atitudes (ação) e os valores e crenças culturais (pensamento). Sendo assim, a globalização enseja o uso da dimensão diferenciada de tempo, isto é, longa ou curta duração. Em outras palavras, se cada local possui suas idiossincrasias, há a possibilidade de iguais ações econômicas ou políticas ocorrerem em locais diferentes e em períodos históricos igualmente diferentes (Arrighi, 2003). A questão de fundo, portanto é: se é a dinâmica da globalização que mantém algumas das características do capitalismo (tais como a exploração e as desigualdades sociais) ou se estas características, por sua manutenção, explicam a necessidade de uma mundialização do sistema (Castells, 2007).

Inglehart, o autor e criador da Pesquisa Mundial de Valores –base empírica usada neste artigo– trata desta questão indiretamente. Ele divide o globo em culturas diferentes de acordo com a presença de valores tradicionais ou modernos e argumenta que o desenvolvimento da sociedade mudaria a atenção das pessoas de preocupações físicas e econômicas aos interesses mais pessoais, como a auto-expressão e de bem-estar subjetivo Inglehart e Baker (2000). Por exemplo, eles descobriram que as pessoas de países com maior PIB per capita tendem a ser mais seculares e mais auto-expressivas. Outros autores além de tratar dos valores culturais como possibilidade global e convergente, investigam se a alteração no desenvolvimento social afeta a mudança cultural do secularismo (Li e Bond, 2010).

A importância do pensamento em relação à globalização também é considerada relevante para economistas como Joseph Stiglitz.¹ O autor defende que este processo de globalização poderia ser apontado como mistificador de um mundo midiático, virtual, instantâneo e necessita urgentemente de reformas no sistema mundial, nas regras e na mentalidade de relações econômicas, do comércio internacional, dos monopólios multinacionais e nas esferas morais, controle de corrupção e democratização do sistema mundial (Stiglitz, 2007).

Assim, se a globalização está gerando desafios que ultrapassam os limites dos Estados nacionais, autores defendem a necessidade de novas formas de abordar

os problemas em uma escala global e comparativa. Uma destas novas formas de acercar-se aos efeitos da globalização nos indivíduos e nas estruturas sociais é o conceito de glocalização.

Tem-se sido atribuído a Roland Robertson (1992: 174) a autoria do conceito de glocalização, como admite Ulrich Beck (2008), um dos difusores do termo² (Beck, 2008). Robertson, por sua vez, expõe a sua inspiração para o termo cunhado por ele,

A própria formulação, aparentemente feita no Japão, de um termo como “glocalizar” (de “dochakuka”, que, grosso modo, significa “localização global”) é talvez o melhor exemplo disso. O termo “glocalizar” foi desenvolvido com referência às questões de marketing, na medida que o Japão tornou-se mais preocupado e, ao mesmo tempo, bem sucedido na economia global; em oposição ao background [...] de muita experiência com o problema geral da relação entre o universal e o particular (Robertson, 1992:174).³

Em outro trecho da mesma obra, Robertson, ao discutir a relação entre as variáveis económicas inerentes ao capitalismo e as diferenças culturais, afirma que

Meu ponto principal aqui é enfatizar o fato de que, tanto na América do Norte e Europa, e, de uma forma menos clara, na Ásia, fatores extra-econômicos e econômicos estão interligados com a tendência para a multiculturalidade e polietnicidade dentro das nações e 'mega-nações'. Mais especificamente, muitos, se não a maioria, das sociedades e regiões estão sujeitas a transversal e muitas vezes eixos "contraditórias" de etnia e raça, os eixos que definem a dimensão e do alcance dos espaços mundiais que tais sociedades e regiões cada vez mais se tornam. Este processo global está consolidada em muitas partes do mundo pela tendência do capitalismo global, dentro do contexto de uma vasta cultura de consumo (Featherstone, 1991a; Sklair, 1991), para participar do que é chamado por nomes como glocal, multicultural ou micro-marketing.⁴

Ambos autores pensam para além da perspectiva económica e buscam o entrelaçamento com a dimensão cultural, servindo o termo para pensar em que medida poderíamos pensar o indivíduo, grupo, divisão, unidade, organização ou comunidade que está disposta e é capaz de “pensar globalmente e atuar localmente”, isto é, supõe que em um mundo global, no qual se observa uma progressiva supressão das fronteiras a nível económico, no campo da política e do social, por outro lado, vemos um crescimento de movimentos sociais em defesa das culturas locais e regionais. As mudanças políticas que estão em curso na Bolívia é um exemplo deste processo, haja vista as modificações inclusive no âmbito das grandes questões como a definição de propriedade privada.

A relação do Estado-sociedade implica considerar outros temas que anteriormente estavam circunscritos a determinadas área do globo como era o caso da defesa do meio ambiente. As sociedades ricas apresentavam melhores condições de pensar nestes assuntos dado o carácter social menos perverso do capitalismo enquanto que populações de países pobres não tinham condições de entender sequer

a mensagem da defesa ambiental. Aliás, este é a tese de Inglehart. Atualmente, o mundo discute as condições em que a natureza se encontra e os efeitos sobre a existência real do planeta e as condições de vidas das pessoas. Da mesma forma a questão da produção da vida material tem sido incorporado ao debate da globalização pela aparente racionalidade do sistema que afetaria indiscriminadamente homens e mulheres do mundo inteiro levando a individualizar a culpa pela falta de trabalho e a procurar solução igualmente individual nos processos migratórios –outro tema que se mundializou.

Para aprofundar os efeitos dos processos globais e da estrutura social Goldthorpe sugere relacionar a visão sobre o processo global por parte das pessoas com a sua situação individual no mercado de trabalho, nível salarial, segurança no emprego e perspectiva de progresso, destacando-se as recompensas materiais e os temas vitais como moradia, alimentação e saúde. Para o autor a situação laboral centra-se em questões de controle, de poder e na autoridade dentro do emprego e afeta o indivíduo no seu grau de autonomia no seu lugar de trabalho e o conjunto das relações de controle que atuam no empregado (Goldthorpe, 2012). Outro componente como a classe social contribui para compreender que os valores e crenças que aparentemente se mostram individuais e não comparáveis podem ser recorrentes nas diferentes nas sociedades. Tanto Goldthorpe quanto Inglehart, embora partindo de uma visão teórica diversa, se baseiam nas condições materiais dos indivíduos para analisar os valores encontrados em diferentes sociedades.

2. A Pesquisa Mundial de Valores (*World Values Survey*): história e metodologia

A pesquisa Mundial de Valores –*World Values Survey*– é fruto de uma iniciativa acadêmica que investiga mudanças culturais na segunda metade do século XX em mais de 70 países. É um projeto que possibilita a comparação de características culturais de diversas sociedades desde a década de 1970 e contribui dentre outros campos, para o debate sobre a relação entre desenvolvimento econômico e mudanças culturais, para o acompanhamento longitudinal de visões sobre as mudanças em curso e ampliar o conhecimento de diferentes áreas do planeta antes de acesso limitado a pesquisadores da região.

Iniciada na lógica da pesquisa comparativa entre países e no acompanhamento longitudinal –de investigar diferentes momentos históricos– a pesquisa está fortemente ligada ao arcabouço teórico e conceitual da teoria de mudança de valores e pós-materialismo desenvolvida pelo cientista político norte-americano Ronald Inglehart. No entanto, essa forte ligação a uma perspectiva teórica não impede que seus dados possam ser úteis para pesquisas que não usem o mesmo referencial teórico. Um dos exemplos destacados é o uso de dados da Pesquisa Mundial de Valores –WVS– por Robert Putnam (1995) para estudar os níveis de capital social e as razões da queda de níveis de confiança interpessoal entre os americanos a partir dos anos 90 do século passado. A conclusão de Putnam seria a de que o capital social nos Estados Unidos sob a forma de associações cívicas erodiu significativamente ao longo da última geração (anos 90).⁵

Outro destaque desta pesquisa Mundial de Valores, no entanto, é a disponibilidade de acesso aos dados o que permite a qualquer pesquisador fazer suas análises estando ou não alinhados ao marco teórico do grupo de pesquisa. A WVS representa assim mais uma iniciativa que possibilita viabilizar trabalhos, pesquisas de cunho coletivo, assim como ocorre em outras áreas em que grupos de pesquisa como o projeto Manhattan⁶, o projeto Genoma⁷, são construídos para pesquisar assuntos tão complexos e que extrapolam as capacidades individuais. Acreditamos que as dificuldades são reais quando pesquisadores de visões e perspectivas diversas tratam de dialogar, mas não são impossíveis de serem superadas.

A pesquisa WVS por abranger diversas áreas geográficas do Ocidente ao Oriente proporciona os estudos sobre as diferentes culturas e mesmo comparações entre elas. Igualmente facilita a discussão, já tradicional em ciências sociais, sobre os limites, as fronteiras reais, do desenvolvimento nacional e as influências exógenas. Considerando o contexto atual de globalização e os resultados encontrados em diferentes períodos históricos da realização da pesquisa, é possível acompanhar os processos de constituição, permanências e mesmo alterações da cultura, crenças e motivações individuais para a ação social, da instância local a mundial.

Pesquisas quantitativas tipo *survey* se servem de números e de métodos estatísticos, baseiam-se em medidas numéricas de certos aspectos de fenômenos, parte de casos concretos para chegar a uma descrição geral ou para comprovar hipóteses causais e busca a medida e análises que outros investigadores podem reproduzir facilmente (King; Keohane; Verba, 1994: 1-33). Tais pesquisas realizadas em grande escala podem resolver os problemas sobre a continuidade dessas pesquisas, uma vez que apresentam custos altos tanto do ponto de vista financeiro quanto do empenho de recursos humanos. Considerando a finalidade de se captar mudanças de longa duração, esse último aspecto impõe limites importantes sobre o alcance de seus resultados.

Para uma melhor compreensão sobre o alcance, abrangência e possibilidades de estudos a partir dos dados da Pesquisa Mundial de Valores, a WVS, apresentamos resultados observados nas pesquisas realizadas no Brasil a partir de uma perspectiva comparada. Para tanto, porém, primeiramente apresentamos alguns aspectos teóricos que orientam a construção do questionário da pesquisa, em segundo momento, nos deteremos especificamente sobre o histórico da pesquisa e analisaremos seus resultados com ênfase no caso brasileiro.

2.1. A base teórica da Pesquisa Mundial de Valores

A origem das dimensões, variáveis e questões encontradas no questionário da pesquisa Mundial de Valores está ligada à teoria da modernização e do pós-materialismo construída por Ronald Inglehart cujas bases sugerem que fenômenos como o crescimento do setor de serviços, a melhoria na qualidade de vida e o aumento das oportunidades educacionais, presentes nas sociedades industriais avançadas ou pós-industriais, têm levado a uma gradual transformação na atividade política em democracias do Ocidente (Norris, 2002). Inglehart, influenciados pelas tradicionais polêmicas - se a mudança socioeconômica segue pautas coerentes e

relativamente previsíveis; as mudanças nas relações econômicas são derivadas dos valores, das crenças, das formas de ver o mundo; ou se o pensamento é consequência das mudanças, das alterações das relações econômicas –busca analisar em conjunto o papel da cultura e do econômico.

Desde a década de 1970, Inglehart observa o surgimento de uma sociedade predominantemente pós-materialista, baseada em valores como a participação, qualidade de vida e auto-expressão, enquanto valores materialistas, como segurança física e econômica, enfraquecem nas gerações mais recentes. Esta transformação nos sistemas de valores básicos estaria se dando em decorrência de algumas modificações no nível do sistema mundial. Está subjacente à teoria do pós-materialismo construída por Inglehart seria uma espécie de hierarquia de necessidades específicas aplicável a todo ser humano e, dentre estas, as mais básicas, fisiológicas como o acesso à água, ao alimento e ao sono, passando pelas necessidades de segurança física e econômica até chegar nas prioridades sociais na busca por associação, participação e afetividade por meio do envolvimento com outros seres humanos. As duas últimas etapas seriam as necessidades de “estima” –reconhecimento, respeito, afirmação perante os outros– e as de “atualização” que requerem o desenvolvimento máximo do potencial humano envolvendo habilidades, criatividade, talento.

A tese é polêmica e está apoiada na articulação de duas hipóteses básicas para explicar esta mudança, a saber:

i) Hipótese da escassez (*scarcity hypothesis*): Muito cara à Escola Clássica da Economia, defende que as prioridades da ação humana são resultado do ambiente sócio-econômico vigente em que é dada grande valoração subjetiva a coisas e aspectos da realidade que são pouco presentes, ou seja, encontram-se em escassez.

ii) Hipótese da socialização (*socialization hypothesis*): Defende que grande parte dos valores básicos de um indivíduo derivam das condições presentes em seu período de formação, anterior a idade adulta.

Em suma, se a pesquisa Mundial de Valores foi planejada e é executada para testar a hipótese da mudança de valores, como afirma Inglehart (1998: 3): “As pesquisas mundiais de valores (WVS) exploram a hipótese de que as mudanças nos sistemas de crenças de massas têm consequências sociais, políticas e econômicas importantes”, esta pesquisa proporciona outras análises a partir de seus resultados, haja vista a qualidade e a diversidade das dimensões e perguntas presentes no questionário.

2.2. A história e o desenho amostral da pesquisa O World Values Survey

Na década de 1970 o debate se baseava na possibilidade de mudanças de valores entre gerações diferentes. Partindo da premissa de que os mais velhos apresentavam valores “aquisitivos” (*acquisitives*) ligados a prioridades de aquisição ou retenção de bens econômicos; e os mais novos costumavam a apresentar valores “pós-burgueses” (*post-bourgeois*), que seriam valores mais ligados a necessidades intelectuais, ideacionais e estéticas. Ronald Inglehart buscou mensurar mudança

por meio da questão que visava captar o que seria mais desejável para os indivíduos (Inglehart, 1971: 994) oferecendo como opção a manutenção da ordem no país, da participação nas decisões políticas importantes, combater o aumento dos preços e proteger a liberdade de expressão.⁸ A hipótese da pesquisa era a de mudança inter-geracional. Esta mudança inter-geracional, levaria Inglehart (1977 *apud* McLarney e Chung, 1999) a afirmar, seis anos depois que “Os valores de públicos ocidentais têm mudado de uma esmagadora ênfase no bem-estar material e segurança física para maior ênfase na qualidade de vida...”. Em outras palavras, esta mudança de valores seria a demonstração empírica da transformação dos valores predominantes em direção a valores pós-burgueses em sociedades industriais avançadas.

Este trabalho culminou com a realização do *European Values Survey (EVS)* no começo da década de 1980. Este *survey* expandiu-se para outros países fora da Europa e foi realizado até o ano de 1985 com o mesmo instrumento – questionário. O projeto Pesquisa Mundial de Valores –WVS– que nascera do *European Values Survey* passou a tomar proporções mundiais e hoje é realizado periodicamente em mais de 60 países dos cinco continentes habitados que, somados, representam cerca de 80% da população mundial.

As pesquisas começaram em 1981 e já foram realizadas seis ondas, como indicado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1
Número da onda da pesquisa por período realizado

Número da onda/ pesquisa	Ano – intervalo de realização
1	1981-1984
2	1990-1994
3	1995-1998
4	1999-2004
5	2005-2009
6	2010-2014

Fonte: WVS, 2014.

Poucas modificações substanciais foram impostas a forma de se mensurar o pós-materialismo de lá para cá. Uma década depois, questionários mais elaborados foram aplicados em mais países da Europa e atualmente, 2014, com a aplicação da sexta onda do WVS, a discussão se mantém, muito embora, novas questões semelhantes foram incluídas com o objetivo de balizar os resultados.

2.3. A pesquisa Mundial de Valores de valores realizada no Brasil em 2014

Para o conhecimento sobre a Pesquisa Mundial de Valores –origem dos nossos dados para discussão empírica deste artigo– expomos como foi a aplicação em 2014 da Pesquisa Mundial de Valores no Brasil, chamada de sexta onda. Esta pesquisa repetiu o mesmo questionário de 180 variáveis que foi aplicado em outros países latino-americanos.

No Brasil, a pesquisa utilizou uma amostra probabilística completa em três etapas:

1. A seleção é aleatória e possui 150 clusters (o Brasil está dividido em vários grupos usados no censo, e isso é chamado de setores censitários), incluindo as zonas urbanas e rurais.

2. A seleção de habitações em cada setor censitário. Foi com base em critérios de localização estabelecidos no setor censitário. Com base na descrição do setor, um ponto de partida (uma rua, avenida, etc.) é selecionado aleatoriamente. A partir desse ponto, o entrevistador irá selecionar uma habitação em X/10, onde X é o número de domicílios por setor.

3. A escolha da pessoa a ser entrevistada na habitação foi feita a partir da pessoa com o aniversário mais próximo do dia da primeira visita bem-sucedida. A seleção da pessoa deve incluir todos os residentes da habitação, mas os clientes ou residentes temporários. Se a pessoa selecionada não está lá, a entrevista deve ser agendada para outro dia e hora. O entrevistador deve voltar para cada habitação até três vezes, a fim de fazer a entrevista. No caso, ele / ela não é bem-sucedida até o terceiro, ele / ela deve substituir a habitação para outra, seguindo os mesmos critérios.

O erro máximo estimado da amostra é de 2,6%, considerando-se a estimativa de proporção (0,5). O número N. dos entrevistados foi de 1.487 pessoas.⁹ O idioma da pesquisa foi o português do Brasil. Pela primeira vez no Brasil os dados foram coletados com o uso de *tablets* (*app Android* especialmente desenvolvido para esta pesquisa).

Os entrevistadores trabalharam com setores censitários. Dentro de cada setor foram selecionados aleatoriamente 10 domicílios. Esses domicílios estavam espalhados pelo setor, ou seja, não houve concentração de domicílios em uma avenida ou rua. As entrevistas foram domiciliares e presenciais, realizadas com uma pessoa de 18 anos ou mais de idade que fosse moradora do domicílio e alfabetizada. A entrevista foi realizada com o morador cuja data de aniversário era a mais próxima, a partir da data da entrevista. Quando o morador selecionado não sabia ler, outro morador foi escolhido pelo mesmo critério, da próxima data de aniversário.

A substituição do respondente só foi permitida no caso do primeiro morador selecionado ser analfabeto. Foram feitas, no mínimo, três tentativas para encontrar o morador selecionado para a pesquisa. Quando o entrevistado não foi encontrado ou houve recusa para conceder a entrevista ou ainda se ele estava indisponível na terceira tentativa foi feita substituição da residência. Com o objetivo de manter as características demográficas da amostra, que só pode ser representativa no caso da seleção aleatória, ao entrevistador não foi facultado à possibilidade de entrevistar o morador que se mostrasse mais disponível. O trabalho de campo foi supervisionado por telefone em cerca de 20% das entrevistas prontas. Quando foi identificada alguma informação discrepante no material de algum entrevistador houve aumento do percentual de questionários supervisionados deste e, quando necessário, foi solicitada a correção do material ou realização de nova entrevista.

De modo geral, a receptividade dos moradores é boa. No entanto, se nas últimas ondas os entrevistados se sentiam prestigiados ao serem selecionados para a entrevista, principalmente aqueles que são moradores de regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos do Brasil, nesta onda de 2014 notamos maior resistência. Isto se passou provavelmente pela conjuntura de aumento da violência urbana nas grandes e pequenas localidades. A violência é um fenômeno que tem se destacado e a pesquisa apurou que esse é um dos principais problemas que o Brasil enfrenta atualmente. A discussão sobre esse tema, é preciso destacar, cresceu enormemente tanto no âmbito das pesquisas acadêmicas quanto no debate político social. Se considerarmos os últimos dados de crescimento econômico do continente latino-americano a relação da realidade material e a produção da violência parece não fazer sentido e o valor da vida para numerosos indivíduos tem se alterado para a noção de viva presente, o aqui e o agora. Aliás, esse seria mais um tema importante para se discutir tomando como base a questão da globalização.

3. Globalização e os valores latino-americanos em comparação

Se a realidade é diferente da realidade pensada, o que as pessoas pensam mesmo que distorcidamente tem sua relevância para entendermos o processo de produção da vida em escala individual e global. Mesmo que não possamos identificar a relação mesma de ação e pensamento, pensamento e ação, sabemos que as percepções dos indivíduos sobre a realidade o anima a agir. É com base nesta precisa que tem relevância nos perguntarmos como se expressam os latino-americanos com relação a determinadas categorias que podemos inserir no debate da globalização ou da glocalização como a percepção sobre o mundo do trabalho; defesa ambiental; o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um país, ao continente latino-americano; e a relação com estrangeiro.

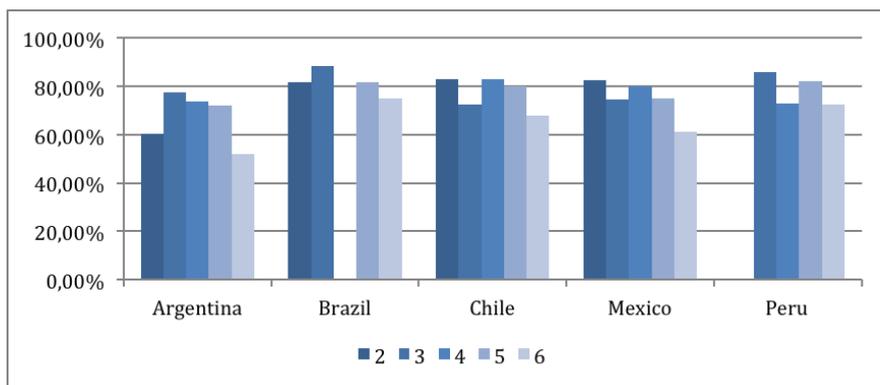
3.1. O mundo do trabalho, a defesa do emprego e a relação com a imigração

As mudanças produtivas têm afetado não só as condições de trabalho, os direitos trabalhistas adquiridos em anos de lutas sindicais, mas também na diminuição de postos de trabalho em escala universal (Antunes, 1999; Scott, 1997). Durante as

mais de três décadas da pesquisa mundial de valores, a sociedade latino-americana em geral e os trabalhadores em especial enfrentaram conjunturas difíceis de desemprego, subemprego, aumento da terceirização, pressões para acabar com as legislações trabalhistas conquistadas. Assim, se as mudanças no mundo do trabalho incidem nas percepções pessoais de maneira não linear, a globalização pode ser uma categoria que influencia na percepção individual sobre os responsáveis pelas crises no mundo do trabalho. A globalização dilui a relação social direta, isto é, a relação produtiva de trabalhador direto com o seu patrão. Em outras palavras, na visão do trabalhador, o desemprego poderia ser motivado pela globalização retirando, eventualmente, a responsabilidade do empregador.

Analizamos aqui a relação entre desemprego local e o valor de solidariedade entre as pessoas de outros países. Argentinos, brasileiros, chilenos, mexicanos e peruanos quando questionados se em tempos de falta de empregos, os empregadores deveriam dar prioridade para as pessoas do seu país e não para os imigrantes, como se nota no Gráfico 1, é alto o índice daqueles que indicam que em primeiro lugar os trabalhadores do país devem ser levados em consideração.

Gráfico 1
Percentual da população que concorda que “em tempos de desemprego, os empregadores deveriam dar preferência às pessoas de seu país em lugar dos imigrantes” em 1990/1995/1999/2005/2014



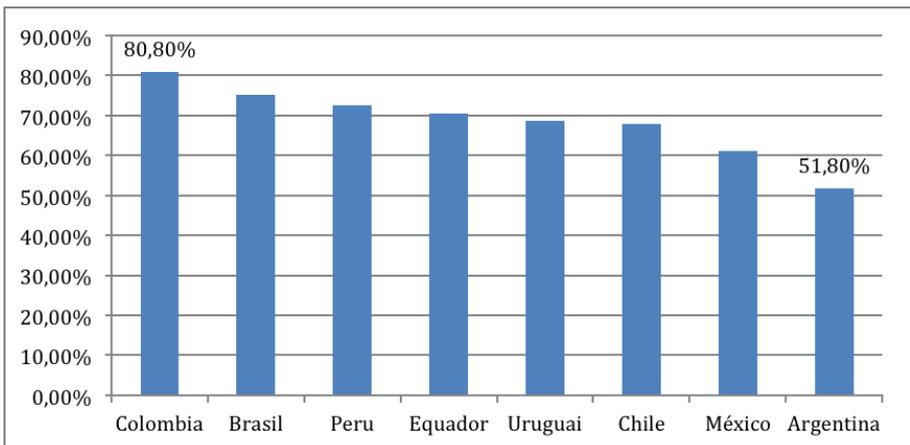
Fonte: WVS, 2014. A numeração 2, 3, 4, 5 e 6 correspondem respectivamente às pesquisas realizadas em 1990, 1995, 1999, 2005, 2014.

Levando em consideração que os países selecionados no Gráfico 1 são economias industrializadas ou semi-industrializadas, os resultados estão indicando que há uma realidade de defesa do emprego nas sociedades nacionais mesmo que para isso signifique desempregar aquelas pessoas que chegam aos seus países e, pela condição de imigrantes, apresentam mais dificuldade de conseguir emprego e mesmo mais precariedade no trabalho. Mesmo se consideramos que há uma di-

minuição na proporção da população que concorda que em primeiro lugar devem estar os trabalhadores do seu país entre os anos de 2010/2014, a solidariedade entre os trabalhadores ainda se mostra problemática e que influi na possibilidade de uma organização sindical internacional. Sobre a questão sindical, aliás, pesquisas tem indicado a tendência à diminuição de confiança nos sindicatos, resultado já esperado, considerando que as instituições políticas em geral estão em declínio (Ranincheski e Castro, 2012; Ranincheski, Castro y Capistrano, 2009), indicando paradoxalmente a globalização do sentimento de não confiança nos sindicatos.

No entanto, se olharmos no Gráfico 2 os resultados de outros países como a Colômbia, o Equador, o Uruguai, notamos que há sociedades sensíveis aos imigrantes mesmo em situações referentes à defesa do emprego como é o caso da Argentina e do México. É curioso notar que os argentinos possuem uma taxa menor do que os uruguaios dada a excepcionalidade uruguaia em relação ao alto grau de crenças nas instituições políticas e na democracia. Cabe sinalizar que em todos os países presentes no Gráfico 2, há um considerável crescimento econômico das economias nacionais. A Colômbia, por exemplo, é um país que vem apresentando em média um crescimento econômico de 5% e, mesmo assim, 80% dos entrevistados concordam que primeiro devem vir os trabalhadores colombianos.

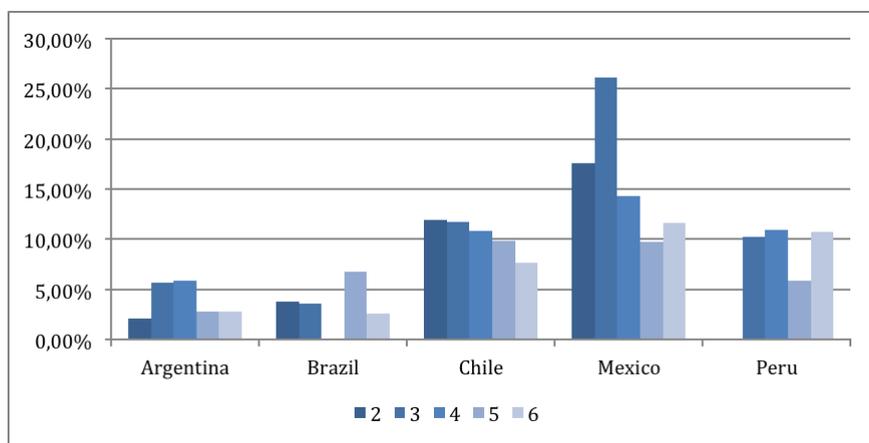
Gráfico 2
Percentual da população que concorda que “em tempos de desemprego, os empregadores deveriam dar preferência às pessoas de seu país em lugar dos imigrantes” em 2010/2014, 6ª onda



Fonte: WVS, 2014.

Buscamos verificar se há alguma relação entre estas variáveis imigração e emprego em função do aumento do fluxo migratório mundial considerado um fenômeno deste século XXI. Em síntese, salvo aqueles refugiados de guerra, a imigração tem sido explicada pela busca de trabalho. E, neste aspecto, faz sentido medir o sentimento nacional em relação ao estrangeiro. Quando os entrevistados da pesquisa são questionados sobre quais grupos sociais eles não gostariam de ter como vizinhos, os imigrantes ou trabalhadores são pouco citados, como se observa no Gráfico 3.

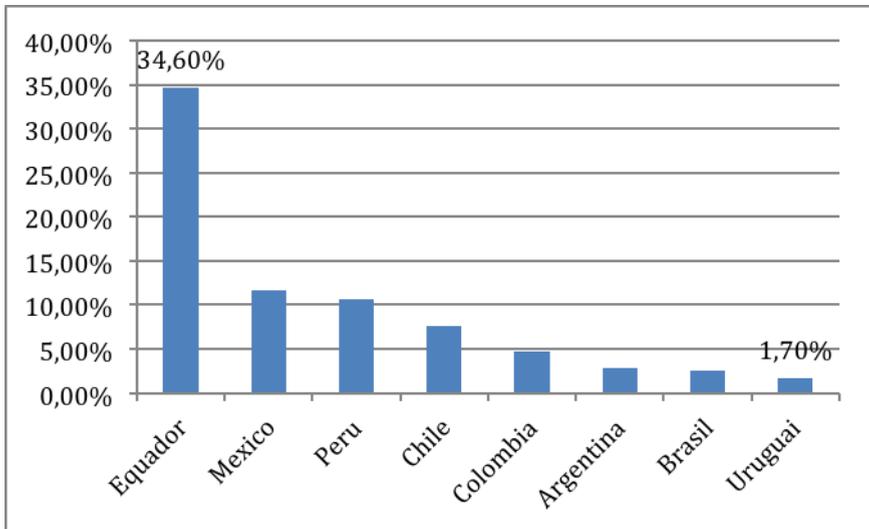
Gráfico 3
Percentual da população que menciona “imigrantes/trabalhadores estrangeiros” entre as pessoas que não gostaria de ter como vizinho em 1990/1995/1999/2005/2014



Fonte: WVS, 2014. A numeração 2, 3, 4, 5 e 6 correspondem respectivamente às pesquisas realizadas em 1990, 1995, 1999, 2005, 2014.

Ao longo das últimas ondas da pesquisa, pode-se notar pelo Gráfico 4, existe uma diminuição no grau de oposição por parte da população em geral em relação aos imigrantes que vivem próximos às suas vizinhanças. No entanto, se olharmos para a Colômbia, Equador e Uruguai, como na questão anterior, notamos uma diferença enorme entre os equatorianos e os demais países, como mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4
Percentual da população que menciona “imigrantes/trabalhadores estrangeiros” entre as pessoas que não gostaria de ter como vizinho – 2010/2014 6ª onda



Fonte: WVS, 2014.

Nesta questão da grande diferença de percentual entre os equatorianos e os demais países há que levar em consideração a realidade do Equador como um dos países latino-americanos com maior índice de migrantes –especialmente migrantes para Espanha– gerando o fenômeno “famílias transnacionais” vivenciado entre os equatorianos e que tendem a perceber, em muitos casos, os migrantes como moralmente negativos (Cepal, 2006).¹⁰ Como prova das dificuldades geradas pelos fluxos migratórios, foram adotadas algumas medidas no âmbito do Pacto Andino para proteger os andinos que migram¹¹ (Mosquera, 2013).

3.2. O meio ambiente é um tema global: também é um valor nacional e local

A questão da ecologia está relacionada com a discussão da destruição do planeta, mas também se refere à questão de como a sociedade percebe e organiza o seu mundo material e seus valores políticos e sociais. A questão do meio ambiente ou ecológica está presente no coração das mobilizações contra a globalização capitalista neoliberal, surgindo assim um movimento denominado de altermundialismo (Lowy, 2009: 137). A frase central desse movimento –*o mundo não é uma mercadoria*– busca transmitir, como afirma Lowy (2009), que o ar, a água, a terra, em

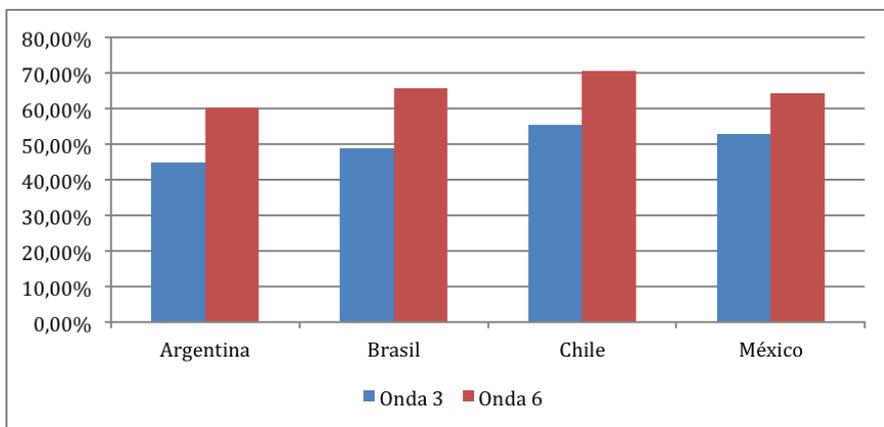
uma palavra, o meio ambiente natural, está cada vez mais submetido ao controle do capital.

A defesa do meio ambiente gera um debate da globalização assim como da globalização. Se por um lado, os problemas ambientais são discutidos mundialmente, por outro lado as percepções e as ações políticas dependem das realidades próprias de cada região. É conhecida a guerra da água em Cochabamba, Bolívia, contra a privatização do sistema da água, em 2000 ou o movimento uruguaio em defesa da possibilidade de incluir uma norma constitucional de defesa dos recursos hídricos e que consagrasse o acesso da água como um direito fundamental em um plebiscito sobre o uso da água, em 2004. Estes movimentos foram destaque no cenário mundial e alvo de ações de apoio organizadas pelas Organizações Não Governamentais. A proposta de Reforma Constitucional sobre a água no Uruguai recebeu o apoio de 127¹² organizações e milhares de assinaturas individuais e 36 países e foi vitoriosa com 67% dos votos uruguaiois.

A ideia de que a proteção do meio ambiente deve ser um valor a ser defendido cresce a partir dos anos 90. Como se percebe no Gráfico 5 nos países latino-americanos que tiveram realizada a pesquisa Mundial de Valores apresentam um valor maior em relação ao meio ambiente do que questões materiais (“A proteção do meio ambiente deveria ser prioritária, mesmo se desacelerasse o desenvolvimento econômico e diminuísse a oferta de empregos”).

É preciso destacar que a escolha dessa opção se fez em detrimento de uma outra opção colocada ao entrevistado (“*Desenvolvimento econômico e criação de empregos deveriam ser prioritários, mesmo que o meio ambiente sofra algum dano*”) indicaria que os valores materiais estariam em primeiro lugar.

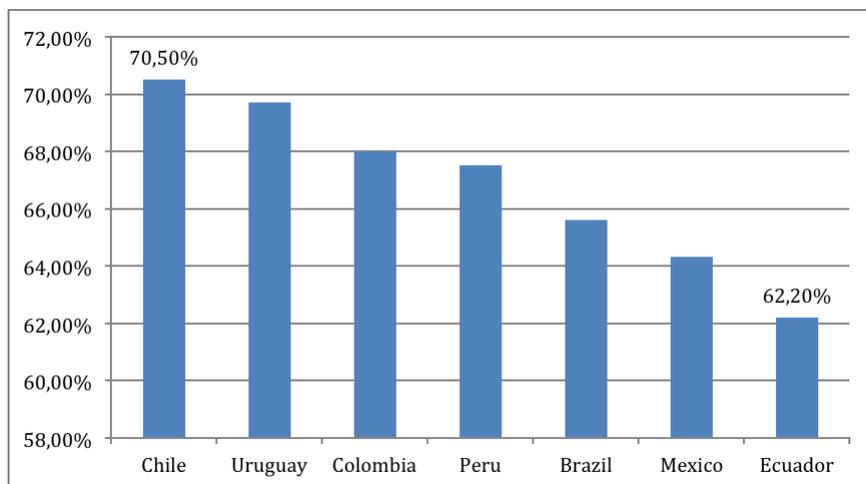
Gráfico 5
Percentual dos que acreditam que A proteção do meio ambiente deveria ser prioritária, mesmo se desacelerasse o desenvolvimento econômico e diminuísse a oferta de empregos” em 1995 e 2014



Fonte: WVS, 2014. As ondas 3 e 6 correspondem respectivamente aos anos de 1995 e 2014.

A questão do meio ambiente é vista como um valor importante se notarmos as respostas da Pesquisa Mundial de Valores de 2010 e 2014, principalmente dos chilenos, uruguaios e colombianos, como está no Gráfico 6.

Gráfico 6
Percentual dos que acreditam que “a proteção do meio ambiente deveria ser prioritária, mesmo se desacelerasse o desenvolvimento econômico e diminuísse a oferta de empregos” – 2010/2014, 6ª onda



Fonte: WVS, 2014.

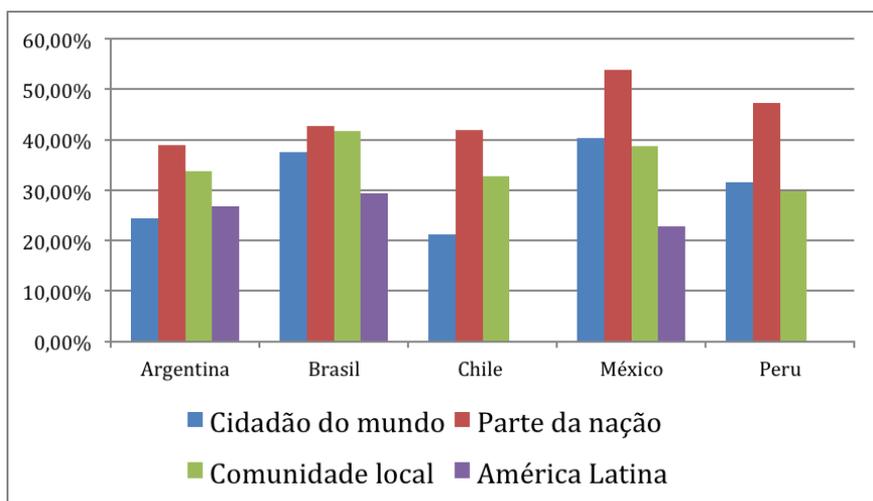
Se a defesa da ecologia é vista como um consenso a controvérsia está nas formas ou nas consequências que essa defesa pode acarretar. Lembramos alguns setores da sociedade que tendem a compreender as reivindicações ecológicas como uma ameaça ao emprego” ou mesmo entender as organizações ecológicas como desnecessárias e conflitantes com os interesses dos trabalhadores. As contradições do sistema capitalista, além disso, tendem a transformar esses movimentos em defesa da natureza, do planeta, em negócios altamente lucrativos.

3.3. A identidade glocalizada

Os movimentos separatistas comuns em regiões europeias não são comuns na América latina, assim como os conflitos bélicos por disputas regionais. Ao longo do século XIX e XX, da formação do Estados nacionais a sua consolidação, os latino-americanos se enfrentam mais pelos conflitos intra-nacionais do que pelas guerras entres os países. Isto não deve sugerir que as sociedades latino-americanas

se identifiquem entre elas. Os dados presentes no Gráfico 7 indicam que há uma certa dificuldade em se sentirem parte do continente latino-americano. Nota-se, inclusive que há uma maior identificação com a ideia de ser cidadão do mundo (entre 30 e 40%), embora não seja. Possível afirmar que haja uma relação direta entre uma esfera e a outra. Chama a atenção, porém, a alta incidência daqueles que se dizem cidadão de seu país e do seu local.

Gráfico 7
Percentual da população que “concorda muito” que se vê como parte dos seguintes grupos em 2010/2014, 6ª onda

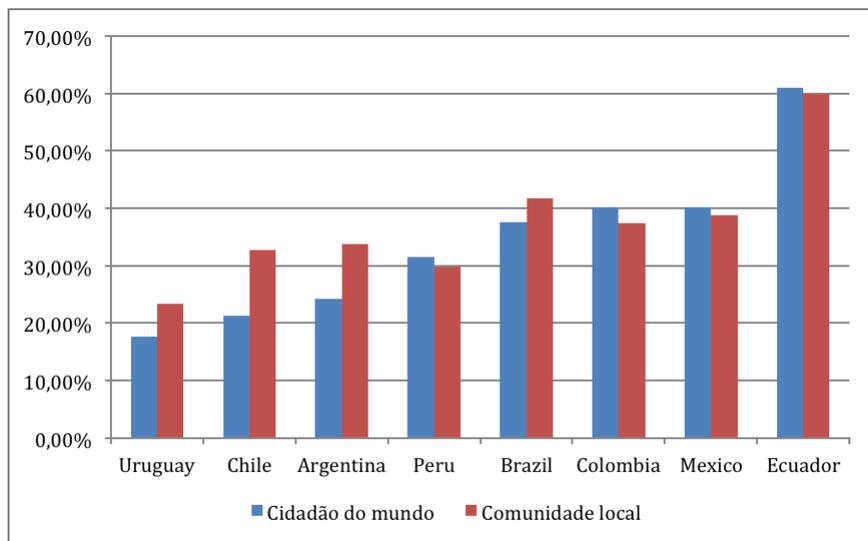


Fonte: WVS, 2014.

Se tais resultados vão à direção do conceito de glocalização nos perguntamos se em que medida essas identidades não seriam necessariamente conflitantes, mas integradas. Neste sentido, é importante inserir a decisão que exclui um ou outro. Em outras palavras, quando perguntados como se definem em relação a cidadania mundial e à comunidade local notamos que não há uma mesma conformidade nas respostas entre os países latino-americanos, como se nota no Gráfico 8. Isto pode indicar de um lado que ainda há muito que investigar no sentido de encontrar padrões de pensamento latino-americanos e que ser cidadão mundo ou parte da comunidade local podem não ser excludentes.

Gráfico 8

Percentual da população que “concorda muito” que se vê como cidadão do mundo ou como parte da comunidade local, em 2010/2014, 6ª onda

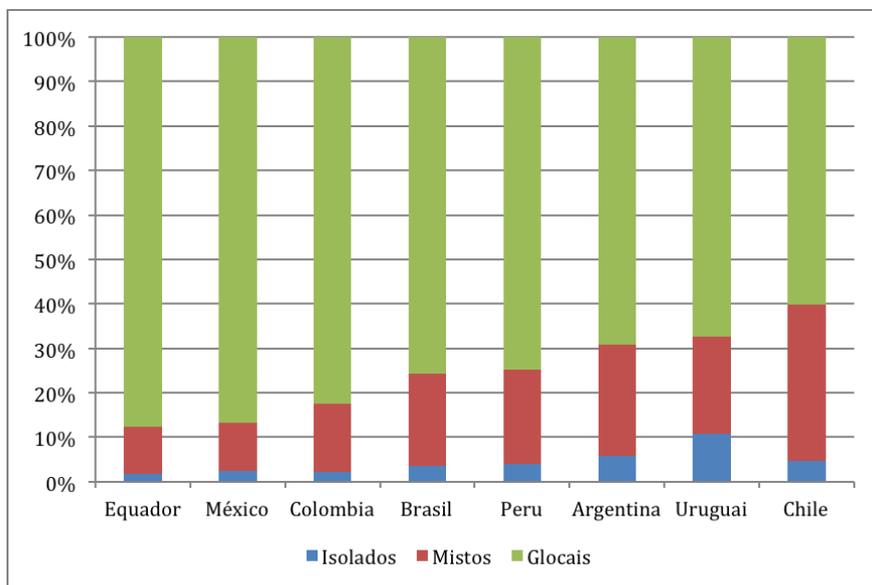


Fonte: WVS, 2014.

Em outras palavras, as pessoas se sentem parte do mundo e simultaneamente acreditam que estão inseridas no seu ambiente local. Unindo as duas questões –cidadania global e local– forjamos três combinações possíveis de categorias analíticas, a saber: i) uma primeira categoria seria a dimensão denominada cidadãos isolados, na qual estão incluídos os indivíduos que discordam de ambas as afirmações; ii) a segunda categoria, denominada de cidadãos mistos contemplando aqueles que concordam com uma afirmação e discordam da outra; iii) por fim, a terceira categoria de cidadãos locais, se refere aqueles que concordam que se veem como membros da comunidade local e ao mesmo tempo concordam que se veem como cidadãos do mundo.

Interessante observar que nos países considerados –Equador, México, Colômbia, Brasil, Peru, Argentina, Uruguai, Chile– há um predomínio daqueles classificados como cidadãos locais, como vemos no Gráfico 9. Esses resultados apontam, talvez, para uma ausência de polaridade entre o local e o global nos países analisados. Algumas considerações demarcam estes dados e uma delas é a de que a integração dessas duas perspectivas é mais forte no México e no Brasil do que na Argentina e no Chile.

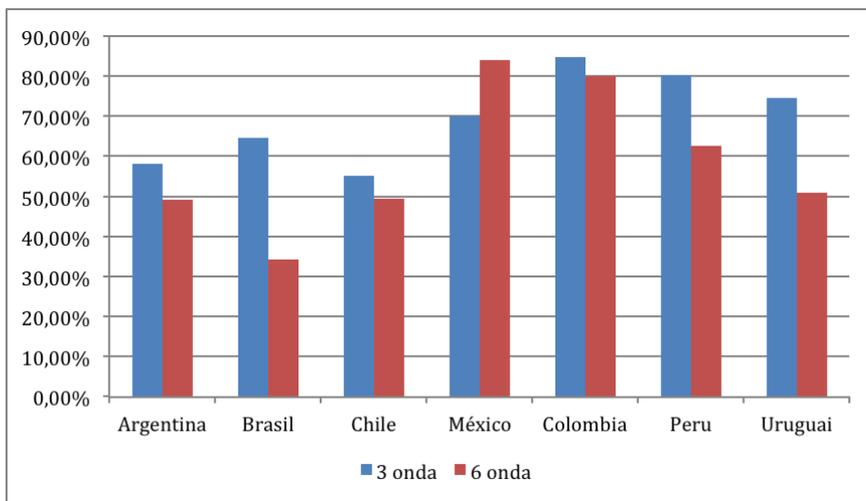
Gráfico 9
Percentual da população que concorda que se vê como parte da comunidade local e como cidadão do mundo ao mesmo tempo, em 2010/2014, 6ª onda



Fonte: WVS 2014.

Ao mesmo tempo em que se observa esse alto grau de pertencimento aos âmbitos locais e supranacionais, nota-se também uma diminuição no nível de orgulho em relação à nacionalidade. Quando comparamos os resultados da terceira onda (1995) da Pesquisa Mundial de Valores ocorrida em meados da década de 1990 com a mais recente onda (2010-2014), observa-se que o percentual da população que se declara “muito orgulhoso” de sua nacionalidade diminuiu significativamente em quase todos os países analisados com exceção do México, como se nota no Gráfico 10.

Gráfico 10
Percentual da população se diz “muito orgulhosa” de sua nacionalidade, em 1995 e 2010, 3ª e 6ª ondas



Fonte: WVS, 2014.

Se atualmente, considera-se que a América latina apresenta uma conjuntura de estabilidade econômica e política, salvo a Argentina que enfrenta novamente uma série crise econômica e de confiança interna e nos mercados internacionais, esperaríamos uma maior percepção de orgulho da nação. Historicamente a América latina é marcada pela pobreza e pela desigualdade social, assim como pelos conflitos políticos, repressão e autoritarismos e estes pontos podem ser elementos explicativos.

Conclusão

Com dados inéditos da Pesquisa Mundial de Valores –em 2014 realizamos no Brasil a sexta onda (2014) da pesquisa– apresentamos aqui em primeira mão alguns dos resultados que contribuem para confrontarmos a globalização que parece ser mais do que um epifenômeno com a perspectiva local, comparando países latino-americanos. A identificação da formação de um padrão de pensamento latino-americano sobre estes dois temas ainda é prematura, como demonstramos neste artigo. Da mesma forma demonstramos que estes conceitos de globalização e nação podem inicialmente serem definidos pela oposição de um ao outro, procuramos mostrar que essa relação tende a ser mais complexa do que a definição de contradição sugere.

O presente artigo comparou as visões e valores políticos de países latino-americanos –Brasil, Argentina, Chile, México, Peru, Uruguai, Argentina, Equador– que fazem parte da Pesquisa Mundial de Valores e mostramos que o sentimento local e nacional ainda é forte, embora nota-se uma diminuição do orgulho nacional entre as populações dos países estudados. Mostramos também que valores individuais de sobrevivência material tais como o emprego se apresentam sensivelmente forte sugerindo que a glocalização pode ser um conceito frutífero para o continente. Em contrapartida, valores de defesa do meio ambiente, considerado mundialmente como consenso, se apresenta também para os latino-americanos como importante inclusive em contraposição ao desenvolvimento econômico. Assim, a relação entre globalização e os valores e percepções locais e regionais pode ser uma forma promissora de entendermos em que medida seria possível tratarmos ambos conceitos como realidades histórica e estruturalmente constituídos.



Referencias

1. Stiglitz, prêmio Nobel de Economia, considerado recentemente como um crítico às ideias liberais e chamado por muitos como neoliberal, é, portanto, um autor relevante para o assunto aqui tratado. Sobre suas ideias serem ou não liberais ou neoliberais, recomenda-se a leitura de texto de Carlos Rodríguez Braun, tradutor do livro em espanhol “El malestar en la globalización” (Stiglitz, 2002). Braun afirma, igualmente de maneira polêmica, que “primero, este libro descansa sobre la idea de que no hay más economía, ni más economía liberal, que la neoclásica; segundo, contiene errores sobre el liberalismo, como identificarlo con el Fondo Monetario Internacional; y tercero, bastantes de sus recomendaciones son liberales” (Braun, 2014).
2. Como o próprio Beck escreveu “La globalización significa sobre todo «glocalización», es decir, un proceso lleno de muchas contradicciones, tanto por lo que respecta a sus contenidos como a la multiplicidad de sus consecuencias. Conviene aclarar bien dos de las consecuencias más problemáticas que esto tiene para la estratificación de la sociedad mundial: *la riqueza y la pobreza locales* (Bauman) y *el capitalismo sin trabajo* (Beck, 2008: 75).
3. The very formulation, apparently in Japan, of a term such as glocalize (from dochakuka, roughly meaning ‘global localization’) is perhaps the best example of this. Glocalize is a term which was developed in particular reference to marketing issues, as Japan became more concerned with and successful in the global economy; against the “background, as we have seen, of much experience with the general problem of the relationship between the universal and the particular” (Robertson, 1992: 174).
4. “My major point here is to emphasize the fact that in both North America and Europe, and, in a less clear-cut way, in Asia, extra-economic and economic factors are intertwined with the trend towards multiculturalism and polyethnicity within nations and ‘mega-nations.’ More specifically, many, if not most, societies and regions are subject to cross-cutting and often ‘contradictory’ axes of ethnicity and race, axes which define the range and scope of the world spaces that such societies and regions increasingly become. This overall process is consolidated in many parts of the world by global capitalism’s tendency, within the context of an extensive consumer culture (Featherstone, 1991a; Sklair, 1991), to engage in what is called by such names as glocal, multicultural or micro-marketing (Robertson, 1992: 186).
5. Para Robert Putnam a estreita correlação entre confiança social e filiação associativa verdadeira não só através do tempo e entre os indivíduos, mas também entre os países. Usando os dados de pesquisas do WVS de 1991, afirma que: i) ao longo dos 35 países nesta pesquisa, a confiança social e engajamento cívico estão fortemente correlacionados; quanto maior a densidade de associação associativa em uma sociedade, mais confiando seus cidadãos. Confiança e compromisso são duas facetas de um mesmo fator subjacente - o capital social; ii) os Estados Unidos ainda se encontrava relativamente em um nível alto para os padrões *crossnational* nas dimensões do capital social, isto é, confiança, engaja-

mento em associações cívicas e níveis de ensino. Mesmo na década de 1990, depois de várias décadas de erosão, os americanos são mais confiantes e mais engajados do que as pessoas na maioria dos outros países do mundo. (Putnam, 1995: 65-78).

6. O projeto Manhattan foi um esforço de guerra dos EUA para produzir a primeira bomba atômica. Estiveram envolvidos neste projeto mais de 130 mil pessoas nos EUA, Canadá e Reino Unido, com orçamento (corrigido) de 26 bilhões de dólares.

7. O projeto Genoma é um projeto internacional cujo objetivo é mapear o genoma humano. Iniciado em 1990, com 5.000 cientistas, 250 laboratórios, orçamento global de muitos bilhões de dólares. Os países mais envolvidos: Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, República Popular da China, Coreia do Sul, Dinamarca, Estados Unidos, França, Israel, Itália, Japão, México, Países Baixos, Reino Unido, Rússia e Suécia.

8. *If you have to choose among the following things, which are the two that seem most desirable to you? As possibilidades de resposta eram:* 1. Maintaining order in the nation; 2. Giving the people more say in important political decisions; 3. Fighting rising prices; 4. Protecting freedom of speech. Ver: WVS (2014).

9. Foram seguidas as normas estabelecidas no AAPOR / WAPOR, Definições Padrão: http://www.aapor.org/uploads/standarddefs_4.pdf. Quando novas unidades da amostra são adicionadas durante o período de campo por meio de uma nova lista de unidades habitacionais ou outro procedimento de atualização padrão, estas unidades emitidas adicionais são adicionadas ao número inicial de unidades para compensar o tamanho total da amostra bruta. Além disso, quando a substituição é utilizada, o total deve incluir os casos originalmente desenhados além de todos os casos de substituição. Veja AAPOR / WAPOR Definições Padrão, pp 9-10 para mais esclarecimentos.

10. A partir de 2000, no Equador, se verifica uma importante redução de fluxos de remessas, embora se mantenha acima de 1,5 milhões de dólares. Ver Cepal (2006: 178).

11. De acordo com a ACNUR-Ecuador, até setembro de 2013, o governo equatoriano reconheceu 54 865 refugiados no país. Desde 2000, quando havia 390 refugiados, 170.965 pessoas tenham solicitado o reconhecimento do estatuto de refugiado no Equador. Cerca de 23% deles são crianças e adolescentes (ACNUR, 2014).

12. Os países, cujas organizações internacionais firmaram o manifesto de apoio a esta Reforma, são os seguintes: Alemanha, Argentina, Austrália, Bangladesh, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, Chipre, Colômbia, Costa Rica, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Haiti, Holanda, Honduras, Hungria, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Nepal, Nigéria, Noruega, Paquistão, Paraguai, Reino Unido, Sri-Lanka, Suíça e Venezuela. Ver REDES (Red de Ecologia Social) - Amigos de la Tierra – Uruguai, 15 out 2004. Acesso em 30 de agosto 2014 in <http://www.redes.org.uy/2004/10/15/el-plebiscito-del-agua-en-uruguay-despierta-la-atencion-de-diferentes-organizaciones-lo-largo-del-mundo/>

Bibliografia

ACNUR-UNHCR (2014), *ACNUR-Ecuador*, acesso em 9/01/2014. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/donde-trabaja/americas/ecuador/>

G. ALMOND; S. VERBA (1965), *The Civic culture: Political attitudes and democracy in five nations*, Boston, Little Brown.

R. ANTUNES (1999), *Os Sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*, São Paulo, Boitempo Editorial.

G. ARRIGHI (2006), *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*, São Paulo, Ed. Contraponto.

G. ARRIGHI (2003), “Os impasses da globalização”, In T. SANTOS, *Os impasses da globalização*, Rio de Janeiro, Loyola.

AAPOR/WAPOR (2014), *Definições Padrão*: http://www.aapor.org/uploads/standarddefs_4.pdf.

Z. BAUMAN (1998), *Globalización: consecuencias humanas*, São Paulo, Fundación Cultura Economía.

Z. BAUMAN (2000), *Modernidad líquida*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

- U. BECK (1998 a), *Qué es la globalización?*, Barcelona, Paidós.
- U. BECK (1998 b), *Hacia una nueva modernidad*, Barcelona, Paidós.
- U. BECK (2008), *¿Qué es la globalización?: falacias del globalismo, respuestas a la globalización*, Ediciones Paidós Ibérica.
- C. R. BRAUN (2014), *Ojo con Stiglitz*, Madrid, Liberalismo Org.
- M. CASTELLS (1997), *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*, 3 vols. Madrid, Alianza.
- M. CASTELLS (2007), *A Galáxia Internet: Reflexões sobre internet, negócios e sociedade*, 2ª Ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CEPAL (2006), *Migración internacional, derechos humanos y desarrollo*, Santiago de Chile, Naciones Unidas.
- A. GUIDDENS (2000), *Un mundo desbocado: Los efectos de la globalización en nuestras vidas*, Madrid, Taurus.
- D. GOLDBLATT (1997), "Liberal Democracy and the Globalization of Environmental Risks" In A. MC GREW (Ed.). *The Transformation of Democracy? Globalization and Territorial Democracy*, Cambridge, Polity Press.
- J. H. GOLDTHORPE (2012), "De vuelta a la clase y el estatus: por qué debe reivindicarse una perspectiva sociológica de la desigualdad social", in *Reis – Revista Espanõla de Investigaciones Sociológicas*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, N° 137, enero-marzo.
- R. INGLEHART (1971), "The Silent Revolution in Europe; Intergenerational Change in Post-Industrial Societies", in *The American Political Review*, vol. 65, N° 4.
- R. INGLEHART (1988), "The Renaissance of Political Culture", in *American Political Science Review*, v. 22, N° 4.
- R. INGLEHART (1998), *Modernización y post modernización: El cambio cultural, económico y político en 43 sociedades*, Madrid, CIS/Siglo XXI.
- R. INGLEHART; W. BAKER (2000), "Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values", in *American Sociological Review*, Vol. 65, February.
- R. INGLEHART; C. WELZEL (2002), "Democratic Institutions and Political Culture: Misconceptions", in *Addressing the Ecological Fallacy*. Disponível em www.worldvaluessurvey.com, acesso em 07/2006.
- R. INGLEHART; C. WELZEL (2009), *Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano*, São Paulo, Francis.
- R. W. JACKMAN; R. A. MILLER (1996), "A Renaissance of Political Culture?", in *American Journal of Political Science*, N° 40.
- G. KING; R. KEOHANE; S. VERBA (1994), *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research*, Princeton, Princeton University Press.
- L. M. W. LI; M. H. BOND (2010), "Value change: Analyzing national change in citizen secularism across four time periods", in *The Social Science Journal* N° 47.
- M. LOWY (2009), "Crise ecológica, capitalismo, altermundialismo: um ponto de vista ecossocialista", in *INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente* - V.4, N°3, Artigo 1, set./dez.
- C. MCLARNEY; E. CHUNG (1999), "Post-materialism's "silent revolution", in *Consumer Research. Marketing Intelligence & Planning*, Vol. 17, N° 6.
- M. MINKOV; G. HOFSTEDE (2011), "Hofstede's Fifth Dimension. New Evidence From the World Values Survey", in *Journal of Cross – Cultural Psychology*, Dec. 19.
- E. N. MULLER; M. A. SELIGSON (1994), "Civic Culture and Democracy: The Question of Causal Relationships", in *American Political Science Review*. Vol. 88, N° 3.
- G. H. MOSQUERA (2013), *Lejos de tus pupilas: familias transnacionales, cuidados y desigualdad social*, Quito, FLACSO, Sede Ecuador.
- P. NORRIS (2002), *Democratic Phoenix: Reinventing Political Activism*. New York, Cambridge University. Disponível em <http://ksghome.harvard.edu/~pnorris/Books/Democratic%20Phoenix.htm>, acesso em 20/05/2006.

- N. PERLAS (2003), "Globalization, Post-Materialism and Three folding", In *Globe Net* N° 3, December.
- R. PUTNAM (1995), "Bowling Alone: America's Declining Social Capital", in *Journal of Democracy*, January.
- R. PUTNAM (1997), *Comunidade e democracia: experiência da Itália moderna*, Rio de Janeiro, FGV.
- S. RANINCHESKI; H. C. O. CASTRO (2012), "Democracia, crenças e cultura política na América Latina: da naturalização à construção dos conceitos, uma comparação", in *Revista Pensamento Plural*, V. 6.
- S. RANINCHESKI; H. C. O. CASTRO; D. CAPISTRANO (2009), "A opinião de brasileiros, argentinos e peruanos sobre o trabalho e o sindicato: relevância para compreender sociedades em conflito", in 2do. Congreso Latinoamericano de WAPOR - Opinión Pública, Democracia y Conflictos en América Latina, Lima, Perú, Abril.
- R. ROBERTSON (1992), *Globalization. Social Theory and Global Culture*, Londres, Sage Publications.
- W. J. SALACUSE (2005), "Negotiating: The top ten ways that culture can affect your negotiation", in *Ivey Business Journal Online*.
- S. SASSEN (2007), "Una sociología de la globalización", in *Análisis Político*, Bogotá, N° 61, Dossier: poder y sociedad global.
- M. SCOTT (1997), "Redes sociais e flexibilidade do trabalho: uma análise comparative", in *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*. Campinas, ALAST - Associação Latino-americana de Sociologia do Trabalho, Ano 3, N° 6.
- F. L. SEGRERA (2003), "Raízes, consequências e propostas alternativas à hegemonia unipolar e à globalização", in T. SANTOS, *Os impasses da globalização*, Rio de Janeiro, Loyola.
- M. SELIGSON (2002), "The Renaissance of Political Culture or the Renaissance of Ecological Fallacy?", in *Comparative Politics*, Vol. 34, Abril.
- A. SEN (2004), "Capability and well-being", in M. NUSSBAUM; A. SEN, *The quality of life*, New York, Routledge.
- A. SEN (2005), "The three reform", in *Economic and Political Weekly*, Vol. 40 (19).
- A. SEN (2008), "Social choice-definition", in S. N. DURLAUF; L. E. BLUME, *The new Palgrave dictionary of economics* (8 Vol. set) (2nd ed.), Basingstoke, Hampshire New York, Palgrave Macmillan.
- J. STIGLITZ (2002), *El malestar en la globalización*, Madrid, Taurus.
- J. STIGLITZ (2007), *Globalização como dar certo*, São Paulo, Cia das Letras.
- WVW (2014), World Values Survey, site <http://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>.

Recibido: 19/09/14. Aceptado: 28/12/14.

Henrique Carlos de Oliveira de Castro, Sonia Ranincheski y Daniel Capistrano, "O conteúdo da globalização para os latino-americanos: uma análise a partir da Pesquisa Mundial de Valores - WVS". *Revista Temas y Debates*. ISSN 1666-0714, año 19, número 29, enero-junio 2015, pp. 53-76.